

## A PESQUISA EM LITERATURA ORAL NA UFBA: PERCURSO E PERSPECTIVAS

Doralice Fernandes Xavier Alcoforado  
UFBA

### Antecedentes

A pesquisa das manifestações da literatura oral na Bahia teve início efetivamente com João da Silva Campos, engenheiro, geógrafo, baiano de Santo Amaro, que participou de diversas comissões técnicas para demarcação de terras. Com essa finalidade, percorreu, entre 1907 e 1911, a região do Recôncavo baiano, além de outros Estados, quando recolheu “diretamente da versão popular” 81 contos, dos quais 75 em território baiano. O resultado da sua pesquisa foi publicado com o título de “Contos e Fábulas Populares da Bahia” em *O Folclore no Brasil*, de Basílio de Magalhães, em 1928. Antes dele, no final do século passado, Nina Rodrigues, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, utiliza o conto oral em estudos etnográficos e, ao desenvolver pesquisas sobre o legado africano em nossas festas populares, acreditando que esse legado tem procedência de um remoto totemismo religioso, inclui, em *Os Africanos no Brasil*, seis contos populares recolhidos entre os últimos africanos sobreviventes na Bahia.

Na Universidade, tem-se conhecimento de uma pesquisa realizada no Recôncavo, patrocinada pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em parceria com a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, sob a direção do Professor José Calasans, com o objetivo de “determinar a extensão do geográfico e do histórico no documentário folclórico da região.” (*Folclore geo-histórico da Bahia e seu Recôncavo* (1972), em co-autoria com Maria Antonieta Campos Tourinho e Júlio Braga).

Nelson Araújo, professor da Escola de Teatro, também realizou importante pesquisa no interior da Bahia sobre os folguedos populares, publicados em *Pequenos Mundos* (1986 e 1988, 2 v.).

Faltava ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia investir no registro do veio poético popular baiano, a fim de estudá-lo não apenas na sua especificidade etnográfica mas também literária, o que era praticamente inexistente no âmbito acadêmico universitário brasileiro de então.

### A pesquisa na UFBA

Em 1984, a minha dissertação de Mestrado *A escritura e a voz: um jogo intertextual* trouxe para o Instituto Letras a discussão teórica sobre a poética das estórias elaboradas e contadas por pessoas que, não tendo acesso à comunicação escrita, expressam suas inventivas por meio da voz. Ainda neste ano, logo em seguida à apresentação da dissertação, criamos no Instituto de Letras o Projeto de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular com a finalidade de recolher, estudar e divulgar a tradição poética oral da Bahia.

Objetivando uma formação consistente de pesquisadores em oralidade, em 1986, foi oferecido na Pós-Graduação em Letras o curso *O romanceiro brasileiro: tradição e criação*, ministrado pela Profa. Dra. Idelette Muzart Fonseca dos Santos da Universidade Federal da Paraíba. Esse curso trouxe para o Projeto embasamento teórico e metodológico para uma fundamentação de cunho científico à pesquisa em oralidade.

A partir desse curso, a pesquisa em literatura oral na UFBA desenvolveu-se de maneira sistemática, e ao Projeto se integrou a Professora Maria del Rosário Suarez Albán que desde então vem dividindo comigo as responsabilidades da pesquisa. O crescimento e desdobramento do Projeto inicial em subprojetos deram-lhe a dimensão de um programa, sendo renomeado *Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular* —PEPLP, que integra a linha de pesquisa Documentos da Memória Cultural, da Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, e é composto pelos projetos *Romanceiro Tradicional em Salvador* – RTS, *Romanceiro Galego na Bahia* – RGB (concluídos) e Em Busca do Romanceiro -EBR, iniciado em 1989, que estende a pesquisa ao interior do Estado e continua em desenvolvimento até o presente. Visando a circulação do material coletado, em 1993, criou-se o projeto *Quem conta um conto...* com o objetivo de levar a tradição oral à escola, através de cadernos de textos, por entender-se que a escola é o ambiente adequado para a retransmissão desse saber e um potencial laboratório em que essa tradição poderá ser reelaborada, atualizada e preservada. Testado em escolas do ensino público em Salvador, pretende-se estender esse Projeto a escolas dos municípios onde a pesquisa já foi realizada. No momento estamos organizando antologias para a consecução desta proposta.

Desde 1986 o Programa vem recebendo apoio do CNPq e de outras Instituições, quer como Bolsas de Iniciação Científica e Aperfeiçoamento e auxílio à pesquisa, quer como cursos no Mestrado em Letras. Através desses cursos, os pesquisadores do grupo vêm se alimentando da experiência de outros pesquisadores da oralidade: o Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro e o Prof. Dr. João David Pinto-Correia (da Universidade de Lisboa), e a Profa. Dra. Jerusa Pires Ferreira (PUC - SP), além da Profa. Idelette, já mencionada. A pesquisa, de enfoque etnográfico, deu ênfase à recolha do romanceiro tradicional e do conto popular que circulam no Estado da Bahia, embora as demais manifestações da oralidade poética entrassem na varredura da rede de recolha: cantigas de roda, reisados, adivinhações, parlendas, brincadeiras infantis, trava-línguas, entre outros.

Para que o mapeamento fosse representativo da grande extensão territorial da Bahia e da sua diversidade étnico-cultural, fez-se necessário dividir os seus 415 municípios de acordo com as Microrregiões do IBGE, distribuídos em seis agrupamentos de microrregiões: Extremo Oeste, Vale do São Francisco, Chapada Diamantina, Pastoris, Nordeste Baiano e Litorâneas.

Já foram pesquisadas as Microrregiões Pastoris e as Litorâneas do Norte, além de municípios isolados de outras microrregiões, somando um total de 57 municípios.

O acervo se constitui de cerca de 5500 textos, dos quais mais de 800 são narrativas tradicionais cantadas e 2.990 contos populares. A maior parte desses textos foi recolhida no interior do Estado, principalmente em pequenos povoados, o que prova que as narrativas orais constituem ainda uma das formas de entretenimento dos moradores das áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos e estão mais integradas aos valores e modo de ser dos habitantes da zona rural.

Aprendidas através de *performances*, processo habitual da transmissão do texto oral, essas histórias foram produzidos e recolhidos nas residências dos contadores ou nos locais de trabalho, quando a atividade assim o permitia, para não afastá-los dos seus referentes habituais e afetivos. Para exemplificar, os donos de venda algumas vezes contaram as suas histórias enquanto atendiam os fregueses, sem que necessariamente tivessem de interromper o fluxo narrativo. Nesses casos, quase sempre o freguês era também envolvido pela teia de encantamento que se criava no ambiente e acabava não apenas por engrossar a platéia, como também, – se tinha a mesma competência narrativa –, por participar na *performance* com sugestões e correções a pequenos lapsos do fluir da memória do contador ou desvios da história. Situações semelhantes foram também encontradas em outros ofícios. As artesãs de palha do Litoral Norte da Bahia, enquanto preparavam ou trançavam a palha para esteiras, bolsas e chapéus, contavam não só

narrativas tradicionais mas também as suas histórias de vida. Algumas dessas sessões realizaram-se em frente às suas casas ou à sombra de uma árvore, o que possibilitou a participação de vizinhos ou mesmo de transeuntes ocasionais e também portadores desse saber narrativo, momentos em que se rememora uma tradição vinda de outras terras e de outras épocas, quando as narrativas são atualizadas, inserindo-se situações locais de existência que passam a integrar o enredo das histórias. Um exemplo bem característico está registrado em um conto recolhido no Litoral Norte, em que a narradora incorpora ao enredo a sua atividade produtiva de que sobrevive — colhedora e cortadora de coco de piaçaba: “Aí uma ia com a mãe pro mato cortar coco de piaçava.”

Entretanto o ambiente habitualmente mais freqüente para a coleta é a residência do próprio contador ou de algum vizinho, onde mais facilmente se cria um clima descontraído de empatia e confiança entre entrevistado e pesquisador, em que até os tímidos se animam a participar. Às vezes, a timidez foi bem maior e só vencida após um gole de pinga. Foi o que aconteceu a um dos nossos entrevistados que inicialmente em sua casa se negara a participar, momentos depois apareceu na casa de um vizinho, para onde a equipe se deslocara, todo animado, prontificando-se a contar as histórias solicitadas. Também um índio kiriri só procurou a equipe para contar uma história, após algumas doses de bebida servida durante a cerimônia do toré, uma dança ritualística, mais ou menos às três horas da madrugada.<sup>1</sup>

### **Metodologia da pesquisa de campo**

Antes da realização da pesquisa de campo, os pesquisadores definem a área a ser pesquisada com a conseqüente seleção de municípios, quando se tratar de áreas extensas. Em seguida, levantam-se informações e dados sobre a área. Para isso é necessário pesquisas bibliográficas e/ou entrevistas com pessoas da região, com vistas à sua caracterização geográfica e socioeconômico-cultural, que darão subsídios aos pesquisadores, permitindo-lhes explorar nas entrevistas determinados aspectos relevantes desse universo que podem já ter sido assimilados e incorporados no imaginário dos seus habitantes.

A pesquisa de campo propriamente dita se inicia com o levantamento de informantes potenciais, ou seja, pessoas portadoras do saber tradicional. Após a seleção desses informantes, fazem-se as entrevistas. Quase sempre nesse primeiro contacto já se iniciam as gravações dos textos, que devem ser acompanhadas por dois pesquisadores: um voltado para o texto que está sendo produzido, e o outro, atento às ocorrências relacionadas à performance. Articuladas à gravação, são feitas anotações sobre o informante, preenchendo-se uma ficha com seus dados: data e local de nascimento, filiação e procedência dos genitores, atividade profissional, escolaridade, religião, deslocamentos e permanência em outros lugares e observações sobre sua etnia. Uma vez que o texto oral é produzido no momento da sua transmissão, uma das preocupações do pesquisador é tentar criar um ambiente o mais natural e espontâneo possível, como o conseguido nas “instituições de transmissão”<sup>2</sup>, quando as pessoas se reúnem e podem vivenciar a teatralização da performance de um narrador. Isso porque os contadores habituais têm a capacidade de transformar as palavras em visualização de espetáculo, envolvendo os

---

<sup>1</sup> A equipe chegou à aldeia onde haveria, naquele dia, uma reunião de dois chefes de tribo para tratar da questão de assentamento de terras. Lá se encontravam muitos índios para participar do ritual do toré, realizado à noite. Durante o dia a equipe tentou contactá-los na sondagem em busca de contadores. Nada conseguiu. No curso do cerimonial do toré seus participantes tomam uma bebida típica estimulante, feita com uma planta chamada jurema. Em um dos intervalos, a equipe gravou as primeiras histórias dos kiriri.

<sup>2</sup> Expressão usada por Coulomb para designar momentos privilegiados em que o saber tradicional é transmitido espontaneamente por uma comunidade (Coulomb, 1992,152): reuniões de trabalho, encontros de lazer, etc.

espectadores num clima de encantamento. Geralmente esses momentos são à noite, pois é sabido que quem conta história de dia, “nasce rabo”. Após a coleta, há o preenchimento de uma ficha de fita com a descrição e a identificação dos textos na ordem em que foram fornecidos, uma classificação prévia e o nome dos respectivos informantes.

A transcrição do texto e a sua consequente revisão, a digitação, impressão, classificação, catalogação e arquivamento são etapas realizadas após o retorno da incursão de campo. No estudo de um texto oral, a ausência da globalidade textual impõe a obrigatoriedade da transcrição mesmo tendo-se consciência da perda de certos elementos expressivos na sua passagem para a modalidade escrita. Dessa forma, gestos, mímicas, hesitações, pausas, postura do contador, bem como sinais de assentimento ou discordância da platéia e até mesmo o espaço físico onde o texto é transmitido, enfim, tudo que lhe possa acrescentar significados, deve ser codificado. Por isso na transcrição do texto oral são observadas algumas normas, definidas anteriormente, que fazem parte de uma chave de transcrição. Por se tratar de material também etnográfico, a transcrição desses textos exige certo grau de detalhamento que permitirá maior confiabilidade, quando da interpretação da memória oral de determinado grupo, e garantirá a qualidade científica da recolha. Assim, o registro escrito desses textos engloba não apenas a fala do transmissor, mas também as interferências do público presente à performance, além dos gestos, das onomatopéias e de outros aspectos paralingüísticos que ocorram durante à produção do texto. Também a expressão da variante dialetal ou idioletal do transmissor e as ocorrências conversacionais devem ser registradas. Nos casos de difícil decodificação e de vocábulo de uso dialetal, deve ser fornecida a covariante correspondente ao português padrão.

### **Resultados e perspectivas da pesquisa na UFBA**

No decorrer desses anos de trabalho ininterrupto, foram realizadas diversas ações, compreendendo desde a formação de pesquisadores bolsistas (vinte seis bolsas de IC e quatro de AP do CNPq) até a publicação de livros. A primeira publicação foi o número 7 da Revista *Estudos lingüísticos e literários*, da Pós-Graduação em Letras, monotemático, com o resultado da pesquisa de campo realizada em Salvador. O material coletado foi também objeto de estudo de duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, e vem fomentando vários trabalhos em disciplinas dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, além de diversos artigos em revistas especializadas e comunicações em reuniões científicas a nível nacional e internacional.

Outro significativo fruto desse trabalho foi a criação do Núcleo de Estudos da Oralidade (NEO), em 1996, no Departamento de Educação, Campus II da UNEB, em Alagoinhas, pela professora Edil Silva Costa, com o propósito de dar continuidade às suas pesquisas em literatura oral, iniciadas junto ao PEPLP, como bolsista do CNPq (1986-1989) e que resultou em sua dissertação de Mestrado *Cinderela nos entrelaces da tradição* (1998, Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Empresa Gráfica da Bahia).

O Programa vem recebendo ininterruptamente cota de bolsas de IC. Embora com a pesquisa de campo sistemática suspensa desde 1995<sup>3</sup>, o Programa nunca paralisou suas atividades. Nesse espaço de tempo, a equipe vem desenvolvendo atividades a partir do material coletado: transcrição e digitação de textos, início da informatização do acervo, com vista à organização de um banco de dados, e a constituição de coletâneas visando colocar esse material em condições de consulta a um maior número de interessados na literatura oral e popular, além de possibilitar o acesso mais ágil ao estudante dos cursos de Letras a textos para as disciplinas de Literatura Brasileira e de Língua portuguesa, mormente como texto subsidiário para o estudo dialectológico da língua.

---

<sup>3</sup> Esta pesquisa foi realizada graças ao Prêmio FAPEX.

Publicação de livros: *O romanceiro ibérico na Bahia*, com 241 versões de romances tradicionais e textos afins (Salvador: Universitária, 1996), *Contos de Dona Esmeralda* (UFBA, 1998), um manual de pesquisa de campo (*Manual de pesquisa de campo: romances tradicionais*, por Karina Pinto e Maria del Rosário Albán). Também edição de vídeos (*José Calasans: o percurso de um historiador*) e de Cds com os textos cantados (*Romances tradicionais na Galícia e na Bahia*). Neste instante a equipe concentra esforços na organização de uma coletânea com 96 contos populares, recolhidos em mais de quarenta municípios baianos e uma outra destinada ao Ensino Fundamental, ambas buscando dar cumprimento ao objetivo central do Programa: divulgação do material coletado. Com isso pretende-se que esses textos retornem às comunidades que o forneceram e, ao serem utilizados como material didático, realimentem o imaginário dos seus habitantes, mormente das crianças e dos jovens.

Ainda há muito a ser feito, ou melhor, se fez muito pouco até agora. Um curso de Extensão, por exemplo, em que se congreguem professores universitários dos vários campi para um levantamento mais extensivo no Estado.

Esperamos que as Universidades e as demais instituições ligadas à cultura e à educação ofereçam condições para que propostas como estas se viabilizem, em consonância com a vocação de Salvador, cidade em que a confluência de culturas e de etnias a tornam peculiar no que se refere à produção artístico-cultural.